

13 – A prisão do livro

Sentei-me na cadeira da lanchonete que estava frente a praça, bem junto a janela. Observei bem em frente a mim, no banco da praça, um homem bem arrumadinho, humilde, mas com vestimenta limpa, bem-arrumado. Percebi que ele estava lendo absorto um grosso livro de capa preta, identifiquei que deveria ser a bíblia.

Pedi meu serviço ao moço e me coloquei a ler o livro em português de Mark Twain, o “Estranho Misterioso”. Claro que criticando aos eruditos e tradutores de plantão, nunca compreendi esses egos imensos querer usar palavras diferentes ou complexas que o povo não usa, e me encontrava desgostoso porque tinham colocado no título “estranho”, para mim estranho significa mais bem raro, pouco comum, e isso deformaria o sentido que o autor estava dando. Na realidade era “forasteiro” que sim significa a alguém que não é do lugar, sendo exatamente isso o que Mark Twain queria expressar.

Como o livro era pequeno, e eu gosto de ler, terminei em uns 90 minutos. Fechei o livro e olhei para a praça, e lá estava, o arrumadinho lendo a bíblia. Parecia ser uma estátua.

Tinha que ler 104 livros em 30 dias, para a prova de literatura, e compreender para poder explicar nas provas o que ali estava escrito. Coisa chata! Pois tinha que questionar, pensando na interpretação que os professores pretendiam que eu expressasse para aprovar o exame. Ler um livro é bom quando o critério e a compreensão não está condicionada, mas era assim mesmo.

Durante o mês inteiro fui lendo livros na lanchonete, de manhã e à tarde, pois tinha um vizinho que colocava música alta o dia inteiro.

E sempre lá estava o arrumadinho, lendo a bíblia. Parecendo uma estátua. Questionei o porque tanto tempo para ler um livro, o que ele interpretaria.

Salvei o exame. Não sei se foi uma questão de sorte, pois se bem os critérios dos professores são bem fatíveis de saber, alguns são bem complexos. E quando fui a lanchonete...

Lá estava o arrumadinho. Fui até ele e puxei conversa. Ele muito educado me explicou sobre o livro. Somente que era difícil compreender, pois tudo que ele falava não fazia sentido, nada disso estava escrito ali.

Questionei algumas passagens, mas ele explicou que o pastor mostrava o que realmente queria dizer aquilo. E isso não tinha nada a ver com o que estava escrito nesse livro. Calei! Agradei! E com uma desculpa fui embora.

Fiquei com pena dele. Falava-me de salvação e ele estaria preso a um livro pelo resto de sua vida. Estava preso ao ser incapaz de aceitar simplesmente o que ali estava escrito como realmente era.

O que acreditava que seria salvo, estava bem preso! Dobregado e sem vontade própria, obedecendo cegamente ao seu dono, seu amo, o pastor.

Foi quando entendi o porque de “ovelhas”!